

Špánková, Silvie; Antunes, António Lobo

Antunes, António Lobo (1942): Conhecimento do Inferno (1980)

In: Špánková, Silvie. *(Des)colonização na literatura portuguesa contemporânea : breve antologia de textos literários e ensaísticos com atividades*. 1. vyd. Brno: Masarykova univerzita, 2014, pp. 10-11

ISBN 978-80-210-7053-0; ISBN 978-80-210-7056-1 (online : Mobipocket)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/130526>

Access Date: 17. 02. 2024

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

Antunes, António Lobo (1942): Conhecimento do Inferno (1980)

António Lobo Antunes dedica-se desde os seus romances iniciais à questão da (des) colonização. Enquanto os seus primeiros romances evidenciam o registo autobiográfico (uso da voz autodiegética, referências à experiência traumática da guerra colonial, bem como à separação da mulher etc.), os seus romances “maduros” apresentam um mundo ficcional complexo, assente na polifonia (orquestração de várias vozes e discursos) e sondagem introspectiva de várias personagens de diferentes estatutos sociais.

O romance Conhecimento do Inferno desenvolve, de certo modo, o tema tratado no romance anterior, Os Cus de Judas (1979), é também um retrato interior dum médico/veterano da guerra colonial, incapaz de se habituar ao quotidiano e ao relacionamento comum. O tema da guerra regressa em força, tratado desta vez em paralelo com o tema do hospital psiquiátrico.

Foi em África, no país dos Luchazes, que eu soube que em Lisboa não existia a noite. O país dos Luchazes é um planalto vermelho, mil e duzentos metros acima do mar, em que o pó cor de tijolo atravessa a roupa para nos aderir à pele, se nos enredar nos cabelos, nos obstruir as narinas do seu odor de terra, próximo do odor ácido e seco dos mortos. O país dos Luchazes, quase despovoado de árvores, é um país de leprosos e de trevas, um país de vultos inquietos, de rumorosos fantasmas. De gigantescas borboletas emergindo dos seus casulos do escuro para cambalearem, em busca das lâmpadas, numa obstinação desesperada de raiva. É o país onde os defuntos assistem sentados aos batuques, frenéticos da presença invisível dos deuses, arregalando de prazer as órbitas côncavas como tinteiros de escola, repleta de densas lágrimas de alegria. É um país magro de mandioca e de caça, embaciado de nevoeiro, que os espíritos desertaram a caminho das florestas do Norte, tão tocadas de vida como o despertar, em Maio, das maçãs. Nesse país de pequeninos rios estreitos como pregas na pele, minúsculos como cicatrizes ou como vincos de sorrisos, encontrei amigos entre os pobres negros da PIDE, Chinóia Camanga, Machai, Miúdo Malassa, os chefes da tropa laica que a PIDE arregimentara para combater os guerrilheiros, e que saíam para a mata ao alvorecer a fim de lutar contra o MPLA e a UNITA, silenciosos e rápidos como animais de sombra. Eram homens corajosos e ativos enganados por uma propaganda perversa, pelas garantias cruéis, pelas promessas mentirosas do regime, e eu costumava conversar com eles, à tarde, nas suas casas de adobe, acorados num tronco, olhando a mancha branca do

quartel no alto, onde os faróis dos jipes produziam uma indecifrável dança de sinais. Cães esqueléticos latiam das moitas gemidos aflitos de menino, as galinhas procuravam abrigo nas esteiras, Machai, o irmão da professora, trazia uma cadeira para mim, dizia:
- Tumama tchituamo, Muata

(ANTUNES, António LOBO. Conhecimento do Inferno. Lisboa: Dom Quixote, 1999, p. 22-23)

Atividades:

1. Descreva a imagem do país dos Luchazes, desenvolvendo a sua dimensão simbólica. Por que razão, na sua opinião, o autor opta por este tipo de representação?
2. Como é explicitado o conflito político (questão da propaganda do regime, da guerrilha etc.)?